

Experiência amorosa, recusa do amor¹

Florence Guignard,² Chandolin

A autora define a experiência amorosa como uma configuração pulsional específica, estudando tanto as suas modalidades defensivas quanto a fantasia originária que lhe é subjacente. Examina as relações complexas, até mesmo paradoxais, dessa configuração, as quais decorrem da heterogeneidade do psiquismo humano. Estabelece uma correspondência entre a experiência amorosa, o estado amoroso, a recusa do amor e o amor de transferência.

Palavras-chave: experiência amorosa, recusa do amor, amor de transferência, mecanismos grupais, funcionamento edípico.

¹ Publicado anteriormente: Guignard, F. (1996). Éprouvé d'amour, déni d'amour. *Revue Française de Psychanalyse*, 3 (60): 805-812.

² Psicanalista. Membro da Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP).

Introdução

Para o psicanalista no exercício de sua profissão, afetos, pulsões, desejos e fantasias são alguns dos primeiros conceitos que pairam em torno daquilo que se apresenta, na vida dos pacientes ou na vida de outrem, até mesmo na sua própria vida, como a realidade de uma experiência amorosa.

De fato, considero a experiência amorosa como uma realidade, por ela ser irredutível aos conceitos que pretendem defini-la. Mescla pulsional sutil da *corrente sexual* e da *corrente terna*, a experiência amorosa é da ordem tanto da evidência quanto da incerteza. Incerteza de conseguir, ainda e sempre, controlar a excitação, de assumir a economia do desejo e de combater a destrutividade regressiva que ameaça diariamente essa obra-prima que é o equilíbrio dinâmico. Evidência de uma intimidade “já existente” (Guignard, 2017a, p. 1778-1780; 2017b, p. 1791-1794), transcendência de uma intuição do outro, prazer em trocas de todos os níveis, em um constante enriquecimento por dar e receber em um mesmo movimento, a experiência amorosa tem seu ganho narcísico no fluxo e no refluxo de um alheamento que consegue ser preenchido através do reconhecimento pelo outro.

Embora seja razoável a comparação com a situação de melancolia – a sombra do objeto recai sobre o Eu –, o esquema psicanalítico clássico, segundo o qual o estado amoroso superestima o objeto em detrimento do Eu, não explica, a meu ver, a experiência amorosa normal. Na verdade, ao contrário do estado amoroso, que dura pouco tempo, a experiência amorosa pode perfeitamente durar uma vida inteira, desde que certas condições internas ao casal e à pessoa estejam reunidas para mantê-la sadia.

Não contente em tentar definir o indefinível, atrevo-me ainda a explorar os elementos que fazem da experiência amorosa um estado de equilíbrio dinâmico, tanto do ponto de vista narcísico quanto objetal. Nem patológica nem redutível ao amor de transferência – sendo este, por sua vez, feito exclusivamente dos elementos edípicos infantis do analisando –, a experiência amorosa se desenvolve no espaço intrapsíquico e interpessoal de dois sujeitos de idade e sexo variáveis, assim como é igualmente variável o recurso ou não a uma realização sexual na vivência desse amor. Sem dúvida, reconheço que esses critérios, embora necessários e contingentes, estão longe de ser suficientes. Não ignoro, também, que minha exploração esteja fadada a ser parcial ou, até mesmo, superficial. Decidi, então, tentar abordar o caráter paradoxal do impacto das fantasias ditas *originárias* sobre essa experiência amorosa de tal forma que ela pode ser observada de um ponto

de vista psicanalítico, ou seja, enquanto *expressão dupla e simultânea do registro pulsional e do registro defensivo*.

A fantasia é uma produção inconsciente que, por exigência de sua função econômica, deve permanecer em geral latente e não ser confundida com a expressão ilusoriamente manifesta de uma realização de desejo, como no relato do sonho. Cena de um teatro privado no qual os papéis podem facilmente ser trocados, a fantasia é uma mescla que sempre contém o sujeito desejante. Ela encena a pulsão e a defesa em um mesmo movimento, objetos e sujeito na mesma cena, reunindo e separando ao mesmo tempo os sexos e as gerações dos diversos personagens que constituem, para o infantil do sujeito, o leque de seus objetos de desejo e a violência de suas experiências amorosas, em confronto com a destrutividade do instinto de morte.

Mecanismos de massa e processos do Eu

A delicada economia da experiência amorosa requer, contudo, uma análise mais aprofundada das defesas que se organizam incessantemente contra a sua manifestação. Em especial, parece necessário retomar a distinção, tal como foi destacada por Laplanche e Pontalis no *Vocabulaire de la psychanalyse* (1967),³ entre *a defesa*, no sentido quase estratégico que ela assumiu em psicanálise, e o *interdito*, principalmente como formulado no complexo de Édipo.

Segundo o *Dictionnaire historique de la langue française* (Rey, 1992), *interdit* (substantivo masculino) já é, desde a Idade Média, um termo do Direito e da Igreja: *sentença eclesiástica que proíbe a celebração dos ofícios*. Seu caráter de condenação grupal só se amplia com o tempo, visto que, no século XIX, George Sand define o interdito como *condenação absoluta que afasta alguém de um grupo*, enquanto que, no século XX, a sociologia o designa como *proibição que emana do grupo social* e a psicanálise como *efeito sobre o comportamento de uma instância psíquica (cf. tabu)*.

Vemo-nos aqui, então, confrontados mais uma vez com um problema de limites. Não se tratam de limites entre a realidade externa e a realidade psíquica, mas de limites, na própria vida psíquica do sujeito, entre *a parte individual*, que se desenvolve na trama edípica organizadora das relações de objeto e das identificações, e *a parte* inevitavelmente submetida à *mentalidade grupal* (Freud, 1921, 1923, 1927, 1930; Bion, 1959; Guignard, 1994).

Expressão do fato de que o ser humano é um mamífero de horda, essa

³ *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

mentalidade funda-se em bases de pressupostos ligados à vontade do grupo humano de manter uma coerência a qualquer preço. Totalmente *diferente do desejo* – cujo status metapsicológico não poderia ser senão individual –, *essa vontade*, que conta com a participação inconsciente do indivíduo, faz com que este se sinta mal toda vez que pensa, deseja ou age em discordância em relação a tais bases de pressupostos.

Nos dias de hoje, nenhum psicanalista pode continuar ignorando as diferenças que se observam, na relação *trânsfero-contratransferencial*, no plano do funcionamento das instâncias – do Supereu notadamente – quando se está mais no terreno da organização edípica individual ou, ao contrário, mais no terreno da mentalidade grupal e suas bases de pressupostos.

Meio elementar de intercomunicação, a mentalidade grupal constitui tanto o modo através do qual um indivíduo pode expressar suas ideias pessoais no anonimato quanto o obstáculo com que ele se depara quando deseja alcançar, por intermédio do grupo, um objetivo próprio de suas ideias.

Em consequência, a mentalidade grupal se apresenta, então, para o psiquismo individual, como uma ameaça constante em razão da satisfação que um grupo poderia oferecer às necessidades dos indivíduos que o compõem. Ela funciona em um nível emocional extremamente elementar, de forma rudimentar e de caráter intercambiável, recorrente e inextirpável. Pânico, raiva, confusão mental, rivalidade assassina, onipotência e culpa paranoide prevalecem sob a forma de ódio ao estrangeiro, de despotismo grupal exercido sobre o emparelhamento sexual e de dependência tirânica ao *pai da horda primitiva*. Somente o grupo de trabalho, respeitando o princípio de realidade e favorecendo a elaboração verbal do pensamento, possibilita que o animal humano trabalhe para uma integração de suas necessidades gregárias de uma forma menos incapacitante para o seu desenvolvimento edípico individual.

A elaboração do *conceito de mentalidade grupal* constitui um apreciável avanço epistemológico diante do enigma que é a barreira da repetição, tantas vezes intransponível no tratamento analítico para um indivíduo aterrorizado por ter de assumir realmente as mudanças catastróficas inerentes ao seu desenvolvimento de sujeito. Penso que a mentalidade grupal explica melhor do que qualquer outro modo de funcionamento a manifestação mortífera, no processo analítico, da inveja sentida pelo analisando em relação ao funcionamento analítico, tanto em si mesmo quanto no analista. Assim, a mentalidade grupal é a principal responsável por essa lepra da psicanálise que é a *reação terapêutica negativa*.

Nessa perspectiva, e sem que sejamos forçados a acrescentar uma perspectiva filogenética com valor de hipótese etiológica específica, as noções de Supereu arcaico e de assassinato do pai da horda primitiva podem ser consideradas

como pertencentes essencialmente a um funcionamento automático regido pela mentalidade grupal. Isso as distingue claramente do funcionamento processual de um Supereu pós-edípico organizado, desde seus prelúdios no início da vida, por uma tópica, uma dinâmica e uma economia próprias da individuação do sujeito em construção.

Daí a necessidade de imaginar, para uma abordagem teórico-técnica de nossa prática clínica, uma representação em forma de *dupla hélice* segundo o modelo do DNA, como eu já havia proposto há alguns anos para o registro das identificações. Neste caso, falaríamos da representação em dupla hélice do interdito e da defesa, do Supereu arcaico e do Supereu pós-edípico. Na primeira de duas monografias dedicadas ao Supereu, Donnet (1995) concorda com esse ponto de vista, em especial no momento em que afirma: *De certa maneira, toda recriação do Supereu repete o assassinato e a refeição da identificação totêmica. Essa é uma das razões pelas quais os conteúdos 'evoluídos' do Supereu jamais conseguem extinguir o modo pulsional, oral, canibalesco de sua instauração.* Deveríamos especificar, então, que a experiência amorosa se expõe, em toda a sua vulnerável transparência, aos golpes desferidos pela *Weltanschauung* arcaica da mentalidade grupal, sólida em suas bases de pressupostos irrefutáveis?

Experiência amorosa e realidade-do-sujeito

A descrição que eu propus de um funcionamento psíquico em dupla hélice – de um lado, o automático da mentalidade grupal e, de outro, o processual do indivíduo; de um lado, o Supereu totêmico e, de outro, o Supereu ligado à triangulação (mesmo que esta seja muito precoce); de um lado, o interdito do incesto e, de outro, a defesa ligada à economia pulsional – poderia explicar também o paradoxo do duplo impacto, sobre a experiência amorosa, da fantasia originária nos quatro aspectos descritos por Freud, a saber, *retorno à vida intrauterina, castração, sedução e cena originária.*

Como lembrei anteriormente, a função da fantasia (Isaacs, 1946) necessita que esta permaneça inconsciente. Assim, a exigência de repressão, a meu ver, deve ser ainda imperativa em relação a esses *quatro aspectos da fantasia originária*, e é justamente nesse ponto que a situação se complica. De fato, se existe um evento psíquico regido pela fantasia originária é exatamente a experiência amorosa. Como explicar, então, a economia desse sentimento? Pela necessária reciprocidade que, na experiência amorosa, mantém o equilíbrio narcísico dos dois protagonistas *dentro dos limites do princípio de realidade*, encontramos-nos na *intersecção*

da fantasia originária e da realidade-do-sujeito. Mas não devemos esquecer o que Freud (1939) escreveu: “A memória de um acontecimento é mantida pelo seu esquecimento” (p. 231). Portanto, esse ponto de intersecção é o mesmo do traumático e do recalque, em que a configuração histórica é emblemática, com suas referências ao traumatismo, de um lado, e à bissexualidade, de outro.

Para tentar descrever esse evento psíquico privilegiado que é a experiência amorosa na realidade-do-sujeito, não retomarei, obviamente, o estudo da realidade do traumatismo na histeria. Limito-me a examinar com brevidade o status econômico da fantasia originária, pois é nele que reside, no meu entendimento, a especificidade paradoxal da organização defensiva que permite manter a experiência amorosa em sua delicada homeostase. A característica essencial da fantasia originária reside em seu caráter paradoxal intrínseco: unidade plural, horda individual, a fantasia originária só pode ser concebida em sua realidade biface, ou seja, dentro/ fora, passado/ presente, parte/ todo, si mesmo/ o outro, masculino/ feminino, pai ou mãe/ filho. Assim, a fantasia originária está relacionada a duas ordens de realidade:

Realidade da perda da vida intrauterina no passado individual e da luta territorial assassina no presente de toda horda, mas também *realidade da instauração de uma vida psíquica interna*, estabelecida como *defesa contra o reconhecimento da perda* desse espaço da proto-história do sujeito e, ao mesmo tempo, como símbolo mnésico de um mundo *jamais percebido visualmente por ele*.

Realidade da prática da castração renunciando os assassinatos pelas hordas (basta ler os jornais que relatam diariamente conflitos que acontecem diante das nossas portas), mas também *realidade psíquica do complexo de castração*, estabelecida como *defesa contra o reconhecimento da diferença dos sexos* e, ao mesmo tempo, como símbolo mnésico de um traumatismo jamais sofrido pelo sujeito.

Realidade da sedução incestuosa e assassina por intermédio da *pedofilia*, do *estupro* e do *assassinato* (leiam também os jornais todos os dias e os manuais de história, ouçam sem tomar partido o que é dito nos consultórios de psicanálise), mas também *realidade psíquica do complexo de Édipo*, estabelecido como *defesa contra o reconhecimento da diferença dos sexos e das gerações* e, ao mesmo tempo, como *símbolo mnésico* de uma satisfação jamais obtida pelo sujeito.

Realidade da capacidade sexual adulta dos genitores do sujeito, mas também *realidade psíquica da identificação inconsciente deste sujeito com os quatro personagens da cena originária*, estabelecida como *defesa contra o reconhecimento de todas as perdas e de todas as diferenças que fundam a unicidade do ser humano* e, ao mesmo tempo, como símbolo mnésico da única relação sexual a que,

indubitavelmente, ele *nunca assistiu: aquela que originou a sua vida*.

Não há como não se deixar impressionar pelo papel literalmente diabólico que a projeção desempenha no mecanismo da fantasia originária (*diabólico = que separa*, em oposição etimológica a *simbólico = que une*). Além disso, podemos constatar que, em vez de efetuarem uma dupla conversão, seus diferentes aspectos se apresentam em relações de *dupla inclusão*. Assim, quando expressa sob a forma de *retorno à vida intrauterina*, a fantasia originária situa-se como *recusa do nascimento*; a castração torna-se, assim, uma versão complementar em uma relação de dupla inclusão como *recusa da individuação*. Quanto à *sedução*, ela se situa como *recusa da pulsão* em uma relação de dupla inclusão com a *cena originária*, expressando a *recusa da diferença dos sexos e das gerações*.

A recusa do amor

Estratégias defensivas de duas ordens serão mobilizadas por essas duas ordens de realidade. As primeiras dizem respeito à mentalidade grupal e pertencem às esferas do *interdito*, da *clivagem*, da *recusa* e da *idealização narcísica*. As segundas concernem à evolução da organização edípica, situando-se nas esferas dos *mecanismos de defesa secundários*, do *recalque* e da *negação*. Encontramos aqui novamente uma representação do funcionamento em *dupla hélice*.

Todavia, devido aos laços muito peculiares do originário com os processos de *identificação*, o sujeito vai *pender* muitas vezes para o lado das estratégias defensivas grupais, sacrificando a experiência amorosa a uma idealização do interdito. *Le Cid* de Corneille (1637) é um exemplo clássico disso. Assim, o espaço psíquico em que poderá se desenvolver a experiência amorosa será também, simultaneamente, o da *emergência grupal* e o da *emergência edípica* da fantasia originária. Além da violência potencial da pulsionalidade organizada/ organizadora do registro edípico, a experiência amorosa precisará administrar, portanto, a pressão pulsional que busca uma via direta de liberação em relações de objeto parcial, mobilizando defesas grupais da ordem da *autoidealização narcísica masoquista*. Quando o Eu do sujeito, ao se confrontar com as exigências de sua mentalidade grupal interna, estiver excessivamente oprimido pela luta para manter o desenvolvimento de suas forças edípicas – as únicas que poderiam ajudá-lo a se tornar adulto (Bégoïn Guignard, 1990) –, as estratégias defensivas radicais prevalecem. O interdito e a clivagem mantêm a experiência amorosa numa posição de recusa. A ordem social será estabelecida ou restabelecida à custa das desordens da pessoa. As doenças narcísicas passam a se desenvolver de forma contínua e preparam o terreno para as

perversões, as quais, recusando o valor de símbolos mnésicos contido no originário em toda experiência amorosa, atacam esses símbolos, sem trégua, por intermédio da *outra realidade*, também contida na fantasia originária, como tentei demonstrar.

Com a *recusa do feminino*, a *recusa do amor* permite conservar algumas bases de preconceitos grupais simples e estáveis, evitando qualquer particularismo e qualquer questão meta. O empobrecimento dos afetos e a banalização do pensamento levam a um desvirtuamento dos mesmos valores que foram prescritos sob a égide da mentalidade grupal. No entanto, antes que a esclerose mortífera vença definitivamente aquilo que cada ser humano tem de único, e sob o efeito de uma modificação quantitativa ou qualitativa das pulsões, de um acontecimento traumático, de um momento ou de um ritmo particular do desenvolvimento psíquico, pode ressurgir um pouco mais de *vertigem do vazio*, um pouco mais de angústia de castração, um pouco mais de *feminino*, um pouco mais de *infantil*.

É nesses momentos – fecundos por serem sustentados pelo originário – que um tratamento analítico pode contribuir para retomar os derivados do irrepresentável e ligá-los às representações de uma relação transferencial. Favorecendo o levantamento do recalque, a liberação dos pontos de fixação que geram a repetição cega do destino neurótico e a curiosidade pela rememoração do infantil, o tratamento analítico pode, às vezes, ajudar o analisando a reaver a identidade daquele sujeito que experimentou o amor, identidade esta herdeira de suas identificações tanto primárias quanto pós-edípicas. Por definição, o processo analítico é responsável pela falência esporádica do mecanismo de *dupla inclusão* que mantém a recusa do originário. A intensificação do desenvolvimento psíquico do sujeito-em-construção, bem como a redução do limiar das defesas neuróticas, favorecerá a aplicação da atividade de representação a todo elemento que surja no campo psíquico. Essa atividade em busca de pontos de aplicação não encontrará somente derivados recalcados do inconsciente, mas também a fantasia originária em suas diferentes formas. Obedecendo à sua natureza paradoxal, a fantasia originária aplica em tais pontos, impassivelmente, uma dupla contrapressão: a contrapressão dos símbolos mnésicos, prontos para serem utilizados no amor edípico de transferência, que poderá ser usado para a formação da experiência amorosa adulta; e a contrapressão cega, gregária, determinada pelo destino do animal da horda que, apesar dos pesares, o ser humano nunca deixou de ser. E como a natureza de suas defesas mantém essa contrapressão cega numa organização grupal automática de dupla inclusão, fora do campo edípico do sujeito em construção, cabe ao analista acolhê-la em seu próprio campo psíquico. Ele não deve esperar uma reconversão do investimento grupal em investimento individual, mas poderá tentar transformar a mentalidade grupal primitivamente egocêntrica em uma mentalidade de *grupo*

de trabalho, diminuindo assim a atividade mortífera que a recusa do amor exerce sobre o sujeito e sobre os seus objetos de amor. □

Abstract

Love experience, love denial

The author defines *love experience* as a specific drive configuration, and explores both its defensive modalities and the original fantasy that lies underneath it. She examines the complex and even paradoxical relations of that configuration, which arise out of the heterogeneity of the human psychism. The author establishes a correspondence among love experience, loving state, love denial and transference love.

Keywords: love experience, love denial, transference love, group mechanisms, oedipal functioning.

Resumen

Experiencia amorosa, denegación amorosa

La autora define *experiencia amorosa* como una configuración pulsional específica de la cual estudia las modalidades defensivas como también la fantasía originaria que la sustenta. Examina las relaciones complejas y hasta paradójicas de esa configuración, que resultan de la heterogeneidad del psiquismo humano. Establece una correlación entre la experiencia amorosa, el estado amoroso, la denegación amorosa y el amor de transferencia.

Palabras clave: Experiencia amorosa; denegación amorosa; amor de transferencia; mecanismos grupales; funcionamiento edípico.

Referências

Bégoïn-Guignard, F. (1990). Apprendre l'incertitude. In *Devenir adulte ?* (pp. 123-142) ouvr. coll. dir. A. M. Alléon, Paris : PUF.

Bion, W. R. (1959). *Recherches sur les petits groupes*, trad.fr. Paris : PUF, 1967.

Corneille, P. (1637). *Le Cid*. [Peça teatral]. Adaptada de *Las mocedades del Cid*, de Guillén de Castro, de 1618.

- Donnet, J. L. (1995). Le Surmoi I, *Monographies de la Rev. franç. de Psychanal.* Paris : PUF.
- Freud, S. (1921). Psychologie des foules et analyse du moi. In *Œuvres complètes de Freud*, (T. 16, pp-1-83), Paris : PUF, 1991.
- Freud, S. (1923). Le moi et le ça. In *Œuvres complètes de Freud*, (T. 16, pp. 255-301), Paris : PUF, 1991.
- Freud, S. (1927). L'avenir d'une illusion. In *Œuvres complètes de Freud*, (T. 18, pp. 141-197), Paris : PUF, 1994.
- Freud, S. (1930). Un malaise dans la culture. In *Œuvres complètes de Freud*, (T. 18, pp. 245-333), Paris : PUF, 1994.
- Freud, S. (1939). L'homme Moïse et la religion monothéiste. Paris: Gallimard, 1948.
- Guignard, F. (1994.). Sigmund Freud-Wilfred Bion, filiation et commensalité. *Rev. franç. Psychanal. T. LVIII*, Spécial Congrès, Paris: PUF.
- Guignard, F. (2017a). IPA Panel on pleasure and intimacy, *Int. J. Psychoanal.* 98/6 2017, 1778-1780.
- Guignard, F. (2017b). IPA Panel on Listening for echoes of the child in adult psychoanalysis, *Int. J. Psychoanal.* 98/6 2017, 1791-1794.
- Isaacs, S. (1946). Nature et fonction du fantasme. In *Développements de la psychanalyse*, Paris : PUF, 1966.
- Laplanche, J. & Pontalis, J.-B. (1967). *Vocabulaire de la psychanalyse*. Paris : PUF.
- Rey, A. (Ed.) (1992). *Dictionnaire historique de la langue française*, 2 vol. Paris: Le Robert.

Recebido em 02/01/18

Aceito em 06/02/18

Tradução de **Vanise Dresch**
Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**
Revisão de **Cristiano Freitas Frank**

Florence Guignard
Chalet Perdrix
chemin de Grévé 8
3961 Chandolin, Suisse
e-mail : florenceguignard@bluewin.ch

© *Revue Française de Psychanalyse*
Versão em português da *Revista de Psicanálise* – SPPA